

Ampliando as redes, fortalecendo os contatos

Raquel Meister Ko. Freitag*
Universidade Federal de Sergipe
Aracaju, Sergipe, Brasil

Norma da Silva Lopes**
Universidade do Estado da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Silvana Silva de Farias Araújo***
Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

O Encontro de Sociolinguística é um evento que se iniciou como local e circunscrito à UNEB, mas que gradativamente foi ampliando o seu escopo de participantes e colaboradores, até se transformar, em 2014, em um evento regional itinerante. O propósito do Encontro de Sociolinguística é congrega pesquisadores da área que desenvolvem pesquisa na região da Bahia e Sergipe, uma área dialetal que é tradicionalmente vista como homogênea, mas que apresenta muitas peculiaridades, assim como apresentam peculiaridades as instituições nesta região: são pequenas, com programas de pós-graduação ainda em consolidação e com poucos recursos. Por isso, encontros regionais são importantes para a socialização de metodologias de pesquisa e seus resultados, em um cenário pouco propício e pouco explorado pelos grandes centros.

A realização de encontros regionais se traduz na oportunidade de contato entre pesquisadores e o desenvolvimento de redes de pesquisa regionais, o desenvolvimento de métodos de pesquisa específicos para esta realidade e o treinamento de recursos humanos em contextos pouco atendidos pelos grandes eventos. É neste contexto que se insere o Encontro de Sociolinguística, que já tem sete edições realizadas:

* Doutora em Linguística (UFSC), professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE. E-mail: rkofreitag@uol.com.br

** Doutora em Letras e Linguística (UFBA), professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador/BA. E-mail: nlopes58@gmail.com

*** Doutora em Letras e Linguística (UFBA), professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana/BA. E-mail: silvana.uefs.2014@gmail.com



2011 -- **Encontro de Sociolinguística: variação – história – educação** (UNEB)

2012 -- **II Encontro de Sociolinguística – Estudos da Variação, da Mudança e da Sócio-História do Português Brasileiro; Sociofuncionalismo e Etnografia da Comunicação** (UNEB)

2013 -- **III Encontro de Sociolinguística: a pesquisa em Salvador** (UNEB, em cooperação com o POSLIN/UFMG e a UEFS)

2014 -- **IV Encontro de Sociolinguística: diferentes olhares sobre o português brasileiro** (UNEB, POSLIN/UFMG, UEFS e UFS)

2015 -- **V Encontro: diálogos entre Brasil e África** (UEFS, UNEB, UFS)

2016 -- **VI Encontro de Sociolinguística: o português no Nordeste (para além) das fronteiras linguísticas** (UNEB, UEFS e UFS)

2017 -- **VII Encontro de Sociolinguística: redes e contatos** (UFS, UNEB e UEFS)

A primeira edição do encontro aconteceu em 2011, com o tema **Encontro de Sociolinguística: variação – história – educação**, organizado pela profa. Norma Lopes, do PPGEL/UNEB, que organizou as edições de 2012, **II Encontro de Sociolinguística – Estudos da Variação, da Mudança e da Sócio-História do Português Brasileiro; Sociofuncionalismo e Etnografia da Comunicação**; 2013, **III Encontro de Sociolinguística: a pesquisa em Salvador**, desta vez em cooperação com o POSLIN/UFMG e a UEFS, mas realizado ainda na UNEB.

A partir da edição de 2014, **IV Encontro de Sociolinguística: diferentes olhares sobre o português brasileiro**, a Universidade Federal de Sergipe aderiu à organização deste evento, mantendo a parceria em 2015, **V Encontro: diálogos entre Brasil e África**, desta vez sendo o evento ocorreu na UEFS, e, em 2016, **VI Encontro de Sociolinguística: o português no Nordeste (para além) das fronteiras linguísticas**, novamente realizado na UNEB e contando com o apoio financeiro da FAPESB pelo Programa de Apoio à Organização de Eventos.

Gradativamente, o evento vem alcançando o escopo regional, envolvendo instituições circunvizinhas, seja como parceiras na organização, como a Universidade Estadual de Feira de Santana e a Universidade Federal de Sergipe, seja com a participação, com a Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e a Universidade Federal de Alagoas.

O VII Encontro de Sociolinguística teve como tema “Redes e contatos” e assumiu dois vieses: viés político e viés acadêmico.

Pelo viés político, o **VII Encontro de Sociolinguística – Redes e Contatos** é realizado em um ano marcado por cortes de orçamento para a ciência, particularmente os

contingenciamentos do CNPq e da Capes nos investimentos,¹ em meio a um cenário em que os repasses de recursos de custeio das instituições de ensino e pesquisa ficam atrelados à internacionalização, cuja métrica é baseada no número de publicações em inglês, e em periódicos internacionais, projetos de cooperação internacional que permitam o intercâmbio de pesquisadores (doutorado sanduíche, pós-doutorado) e a priorização de financiamentos de eventos internacionais (em detrimento de propostas regionais).

Este cenário é particularmente árduo para a Sociolinguística, em geral, pelo perfil da área e pela agenda de descrição do português brasileiro, mas mais árduo ainda para a pesquisa sociolinguística nas condições regionais das instituições parceiras do Encontro de Sociolinguística, que têm programas de pós-graduação na área de Linguística e Literatura ainda em consolidação: UNEB, UEFS e UFS e com cursos com conceito 4 na avaliação quadrienal 2012-2016 da Capes. Por estarem em consolidação e em instituições de pequeno porte, nenhum dos programas de pós-graduação em questão tem uma linha de pesquisa em Sociolinguística, embora todos os programas de alguma maneira trabalham com Sociolinguística: seja na linha de variação e mudança, usos linguísticos, gramaticalização, e história da língua portuguesa. Neste cenário de escassez de recursos, a realização de um encontro com o tema “Redes e Contatos” contribui para o fortalecimento de grupos de trabalho para, num futuro próximo, constituir uma linha de pesquisa nestes programas, fomentando as redes e os contatos: Quem é quem? Quem está pesquisando o quê? Onde cada um está? Por menores que sejam as distâncias físicas, ainda temos distâncias acadêmicas muito grandes dentro da região Nordeste e, assim, o objetivo do VII Encontro de Sociolinguística é foi identificar e oportunizar o contato entre pesquisadores para a formação de redes de pesquisa.

Pelo viés acadêmico, o tema do VII Encontro de Sociolinguística, em continuidade às propostas dos encontros anteriores, teve como objetivo contribuir para a caracterização do que tem sido chamado de Português “nordestino”. Nesse sentido, o encontro promoveu o intercâmbio de pesquisadores vinculados a diferentes projetos regionais que contribuem para a descrição linguística dos falares desta região, seja em nível regional, como os atlas linguísticos regionais que compõem o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), o projeto Norma Urbana Culta (NURC), com bancos de dados de Salvador e Recife, e o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), seja em nível local, com mostras sociolinguísticas particularizadas, circunscritas a uma região geográfica/administrativa (lista não exaustiva): Banco de dados Falares Sergipanos, Língua Usada em Alagoas (LUSA), Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador (PEPP), Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, Projeto PORTAL: Variação linguística no português alagoano, dentre outros (FREITAG, 2014).

Estas peculiaridades dos bancos de dados de projetos regionais suscitam questões teórico-metodológicas, que são o mote para o tema deste encontro: “Redes e contatos”.

Contatos linguísticos acontecem com muita proficuidade na região Nordeste, tanto em perspectiva diacrônica (línguas de base africana e indígena), como em perspectiva

¹ Solicitamos auxílio financeiro à Capes, por meio do Edital PAEP, mas a proposta não ficou classificada. Some-se o fato de que a Universidade Federal de Sergipe não permite a cobrança de taxa de inscrição.

sincrônica, com os movimentos migratórios de retorno, pendulares/sazonais e imigratórios. Um ponto a ser discutido é, então, a redefinição do conceito de contato linguístico, abarcando

A regionalização das pesquisas sociolinguísticas impõe desafios. As pesquisas sociolinguísticas no Brasil iniciaram nos grandes centros (FREITAG, MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2016) A metodologia de coleta desenvolvida no Rio de Janeiro pode ser replicada facilmente em uma cidade do interior do Nordeste? E, ainda, a metodologia de coleta desenvolvida no Rio de Janeiro na década de 1980 pode ser replicada facilmente hoje? E em uma cidade do interior do Nordeste?

As pesquisas sociolinguísticas no Brasil iniciaram na década de 1970 com uma configuração populacional (FREITAG, 2011); a metodologia de coleta desenvolvida para esta configuração pode ser replicada hoje? Será que conseguimos achar um falante de Aracaju, nascido e que sempre viveu em Aracaju, cujos pais nasceram e sempre viveram em Aracaju? Podemos comparar dados do NURC de Salvador com dados de Salvador coletados hoje, em termos de perfil social do falante?

Em meio às tomadas de decisão quanto a particularidades metodológicas, nos confrontamos com a diversidade dentro da suposta unidade do "português nordestino": Dados panorâmicos do projeto ALIB mostram que há diversidade gramatical nas diferentes capitais do Nordeste. Como surgem novas formas? Como explicar essa diversidade na unidade? O Encontro de Sociolinguística vem se constituindo como espaço privilegiado para estas discussões, com a compilação da produção científica: **Estudos sobre o português do Nordeste: lugar, língua e sociedade** (LOPES; OLIVEIRA; PARCERO, 2017); **A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia** (LOPES; ARAUJO; FREITAG, 2016); **Diferentes olhares sobre o português brasileiro** (LOPES; RAMOS; OLIVEIRA, 2014); **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro; sociolinguística paramétrica; sociofuncionalismo** (LOPES; BULHÕES; CARVALHO, 2013). Some-se a esse conjunto o presente dossiê, publicado pela revista *A Cor das Letras*.

Em aderência ao tema do VII Encontro, Marcelo da Silva Souza, Josane Moreira de Oliveira e Silvana Silva de Farias Araújo, em **O contato entre línguas na constituição da realidade sócio-histórica do português brasileiro: aspectos para um estudo sociolinguístico** tecem reflexões sobre o processo de formação sócio-histórica do português brasileiro colocando como peça central a situação de contato linguístico por que passaram as línguas europeia, africanas e indígenas no decurso temporal de quatro séculos. Os autores discutem o conceito emergente do processo de Transmissão Linguística Irregular, para, então, apresentar o processo histórico da polarização sociolinguística do Português Brasileiro.

Em **O PEPP e os estudos sobre o português de Salvador**, Norma da Silva Lopes historiciza e sistematiza as contribuições científicas de um do projeto de estudo sociolinguístico urbano na região nordeste que completa 20 anos, o Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador.

Ao estudar a variedade dialetal das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo, Jaqueline de Moraes Thurler Dália discute o conceito de *arquitradicionalidade* de fala, em **Aspectos fonéticos da variação linguística-identitária das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo-RJ**. O trabalho tem o objetivo de identificar se a variedade falada pelas famílias agricultoras da região orientava-se para o prestígio ou para a manutenção da identidade, de acordo com os preceitos de comunidades de prática e de redes sociais.

Assumindo a perspectiva da Sociolinguística, Gilvan Santana analisa músicas do cancionário nordestino brasileiro, em busca de reconhecimento de legitimidade das variações diatópicas, fomentando o respeito à identidade sociolinguística, em **Variação fonético-fonológica na música popular**.

Marcela Moura Torres Paim e Silvana Soares Costa Ribeiro, em **Os fraseologismos no português falado no Nordeste brasileiro: unidades fraseológicas para designar a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro**, aplicam o constructo de unidades fraseológicas às respostas que se obtêm para a questão referente à pessoa sovina, do ALIB, relacionando o uso de *mão de vaca*, *mão-fechada*, *pão-duro* e *unha de fome* no território brasileiro quanto aos fatores sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Em **Ditongação diante de <s> em áreas baianas: Sudoeste e Centro-sul**, Amanda dos Reis Silva analisa a ditongação diante de <S>, como em ‘pa(i)z’, ‘trê(i)s’ e ‘de(i)z’, com o objetivo de caracterizar a distribuição diatópica quanto às características sociais dos informantes.

Sob a perspectiva dos estudos de atitudes linguísticas, Cristiane Conceição de Santana Ribeiro e Thaís Regina Conceição de Andrade apresentam, em **Avaliação social da palatalização de /t, d/ em Sergipe**, o resultado de um estudo piloto desenvolvido com o objetivo de analisar as percepções e atitudes linguísticas de informantes do interior e da capital de Sergipe diante da palatalização regressiva e progressiva (/sɛti/>/sɛtʃi/ e /oitu/>/oitʃu/, respectivamente). Os resultados deste teste apontaram para uma diferença na percepção dos informantes do interior em relação aos da capital diante da palatalização de /t,d/, tanto antecedida quanto posposta ao /i/. Esse resultado pode estar atrelado à questão do estigma e do prestígio social que cada uma dessas variantes apresenta na comunidade em questão.

Em **A influência da escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada em Serra Talhada**, Juliana da Silva e Renata Livia de Araújo Santos analisam os efeitos dos níveis de escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior – na marcação da regra de concordância verbal. Os resultados alcançados apontam um favorecimento na marcação de concordância verbal no falar serra-talhadense.

Contribuindo para a descrição de usos linguísticos, Rebeca Rodrigues de Santana, em **Funções discursivas dos marcadores *olhe, olha e repare* na fala sergipana**, apresenta uma descrição das funções destes marcadores em um *corpus* sergipano, detalhando as funções pragmático-discursivas desempenhadas, contribuindo, assim, com a descrição e sistematização de tal categoria de itens linguísticos, ao mesmo tempo que descreve a fala sergipana.

Em **A expressão do passado absoluto em variedades argentinas**, Leandro Silveira de Araujo apresenta um enfoque variacionista ao comportamento do pretérito perfecto em Buenos Aires e San Miguel de Tucumán, visando identificar o encaixamento dessa variação nas variedades e avaliar se os estados descritos correspondem a diferentes estágios de evolução.

Adentrando o espaço da escola, Alessandra Pereira Gomes Machado, em **Comportamento de fenômenos linguísticos variáveis na leitura em voz alta de estudantes do 6º ano do ensino fundamental**, observa os efeitos da variação linguística na leitura, pontuando que a passagem de traços variáveis da fala para a leitura em voz alta permite supor que o aluno está acessando a rota lexical e, por isso, tem mais automaticidade no processamento, levando à compreensão. O acesso à rota fonológica, evidenciado pela leitura transparente, por sua vez, sinaliza que o aluno pode ter problemas de compreensão, por ainda não ter automaticidade na leitura. Esses resultados permitem tecer contribuições da Sociolinguística ao ensino.

Na mesma direção segue o trabalho de Bruno Felipe Marques Pinheiro, Lucas Santos Silva e Paloma Batista Cardoso, **Como estudantes do ensino médio acham que falam? Crenças sobre a palatalização de oclusivas alveolares e variação da primeira pessoa do plural**, que investiga atitudes, julgamentos sociais e crenças linguísticas na perspectiva da percepção. Os resultados sugerem relação entre uso, crença e julgamento das variáveis em questão, bem como que a saliência na estrutura linguística e consciência normativa são fatores que interferem nas crenças adquiridas pelos sujeitos ao longo do seu processo escolar.

Com este dossiê, o VII Encontro de Sociolinguística partilha seus resultados, reflexo das interações promovidas pelas “Redes e Contatos”.

REFERÊNCIAS

- FREITAG, R. M. K. O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 8, n. 1, p. 43-58, 2011.
- FREITAG, R. M. K. Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística. São Paulo: Blucher, 2014.
- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, n. 3, p. 445-460.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.
- LOPES, N. S.; ARAUJO, S.; FREITAG, R. K. *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016.
- LOPES, N. S.; BULHÕES, L. P.; CARVALHO, C. *Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro; sociolinguística paramétrica; sociofuncionalismo*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. *Estudos sobre o português do Nordeste: lugar, língua e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017.

LOPES, N. S.; RAMOS, J.; OLIVEIRA, J. M. *Diferentes olhares sobre o português brasileiro*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.